

De Aby Warburg a Ernst Gombrich: notas sobre um problema de método

Farley Derze
20set2007

Ginzburg nos convida a perceber a existência de uma lógica na sincronicidade de lançamentos editoriais.

O aparecimento quase simultâneo dos textos de A. Warburg [...] e do livro mais recente de E. H. Gombrich [...] em tradução italiana, evidentemente não é casual [...]. Essa convergência de programas editoriais [...] indica uma nítida vontade de atualização cultural; procura-se dar ao leitor italiano não-especializado a possibilidade de se informar sobre os problemas e métodos de Aby Warburg (GINZBURG, 1989:41).

Faz uma crítica ao ensejo editorial de tentar atualizar o público leigo, de modo genérico e "apressado", no extenso histórico dos assuntos da Arte, em que se acredita que tal sincronismo de publicações não representa necessariamente uma mudança de comportamento intelectual. Exceto o leitor que tenha desenvolvido o hábito de desconfiar e questionar autores e editores. No caso em questão, por exemplo, levanta-se o debate sobre as razões da adoção e valorização do método de Warburg.

Para falar em método [...] é preciso antes de mais nada pôr-se de acordo quanto às suas características específicas, esclarecer como e até que ponto [...] foi levada à frente por seus seguidores [...] um problema de método [...]: a utilização dos testemunhos figurativos como fontes históricas (GINZBURG, 1989:41).

Ginzburg quer que ajustemos nossas lentes para não se desperdiçar a visão problematizadora acerca do comportamento intelectual daqueles que desejam se ocupar sobre o estudo de determinado método e, assim, adotar uma atitude que considera ser o primeiro passo a ser tomado por um estudioso da arte.

A [...] decisão de [...] uma viagem entre os índios pueblos do Novo México [...] colocou-o em contato com um mundo de emoções primitivas e violentas que [...] influenciou sua interpretação acerca da Antiguidade clássica e do Renascimento. [...] A nova ordem que se quis dar à edição italiana dos textos warburgianos – por seqüência cronológica, e não por problemas tratados, como na edição alemã – permite ao leitor entender a história dessa “obediência” [...] que havia atormentado Warburg desde a juventude (GINZBURG, 1989:43).

Para Ginzburg, o contato com os índios do novo México influenciou Warburg a investigar "a obediência" como um problema presente na origem da transmissão dos métodos adotados a partir da Antiguidade Clássica que perpassou a Europa renascentista. Nesse sentido, o autor chama a atenção sobre a distinção entre a lógica editorial italiana e a lógica editorial alemã, onde a primeira decidiu organizar os textos de Warburg numa seqüência cronológica e a segunda organizou com base em alguns problemas levantados por ele.

O que significa a influência dos antigos para a civilização artística do primeiro Renascimento? [...] O renascimento [...] apareceu [...] não como uma solução de problemas meramente formais, mas enquanto sintoma da orientação emocional transformada de toda uma sociedade (GINZBURG, 1989:44).

É como se Ginzburg nos apresentasse um *problema de pesquisa*, destinado à rever a relação

possível de causa e efeito do impacto da Antiguidade Clássica sobre os resultados artísticos no Renascimento.

Warburg remontou às atitudes fundamentais da civilização renascentista [...] seguindo os passos de Burckhardt [...] para resolver o problema do significado que a arte da Antiguidade teve para a sociedade florentina do século XV, [...] serviu-se de uma documentação [...] visivelmente heterogênea. Testamentos, cartas de mercadores, aventuras amorosas, tapeçarias, quadro famosos e obscuros (GINZBURG, 1989:45).

Ginzburg acredita que Warburg estaria adotando outro paradigma para o comportamento intelectual do historiador, ao valorizar a idéia de que é possível se “ouvir vozes humanas articuladas também a partir de documentos de pouca importância”, por meio de testamentos, cartas, desenhos, etc.

Warburg quis reconstruir o elo entre as figurações e as exigências práticas, os gostos, a mentalidade de uma sociedade determinada – a sociedade florentina da segunda metade do século XV. [...] Burckhardt [...] preferia tratar o problema da civilização renascentista em seções externamente independentes: [...] a psicologia do indivíduo social sem referências à arte figurativa. [...] Burckhardt não desprezava "o esforço de investigar cada obra de arte na sua ligação direta com o quadro da época, para interpretar as exigências ideais ou práticas da vida real como causalidade" (GINZBURG, 1989:45).

A origem do raciocínio de Warburg teria tido influência do método de Burckhardt. Considero relevante a exposição de Ginzburg para nos alertar a perceber qualquer modelo de interpretação determinista que possa estar adjacente ao método com o qual lida, ou deixa de lidar, um historiador de arte para construir suas hipóteses e interpretações sobre um fato artístico (obra de arte), que emerge com sua aparência material e se expande de acordo com o valor que a cultura lhe atribui.

Ginzburg parece admitir que o interesse de Warburg pelo conteúdo das figurações seria um meio para reconhecer-se *tanto* a função figurativa da arte na vida da civilização *como* a relação entre o figurativismo e a linguagem falada. As problematizações propostas por Warburg provocou em alguns estudiosos o interesse na investigação de novos problemas quando se interpreta uma história da arte. O autor Edgar Wind buscou sistematizar os pressupostos teóricos e conceituais de Warburg, enquanto Saxl ocupou-se dos resultados concretos obtidos por Warburg, cuja unidade interna comportava coerência de método e temática. Ginzburg oferece ao leitor a possibilidade de conhecer uma realidade sobre um teórico (Warburg) na qual encontram-se outros que investigaram seu método de trabalho e idéias conceituais, mas também a possível influência que Warburg teria recebido para instaurar suas pesquisas, a partir de nomes como Burckhardt, Nietzsche e Usener, colhidos do primeiro volume dos *Vorträge* da Biblioteca de Warburg. Para Ginzburg “os problemas mais prementes para Warburg eram a: função da criação figurativa na vida da civilização [e a] relação variável que existe entre expressão figurativa e linguagem falada” (GINZBURG, 1989:47).

Warburg observara que a adoção das *Pathosformeln* da Antiguidade, por parte dos artistas do Renascimento, implicava uma ruptura não só com a arte mas com toda a mentalidade medieval. [...] Panofsky e Saxl chegaram a formular o problema histórico geral do significado do Renascimento a partir da nova relação, tão diferente da medieval, que se instaura com a Antiguidade Clássica (GINZBURG, 1989:50).

Ginzburg traz a idéia de que a experiência de teóricos contemporâneos na prática interpretativa sobre o passado de duas culturas historicamente separadas por aproximadamente mil anos (Antiguidade Clássica e Renascimento), foi decisiva para fundar uma "consciência histórica moderna" que favoreceria, a meu ver, a relativização da “realidade” ou dos “fatos” como unidade a

ser observada pelo historiador ao escolher suas práticas e enunciados metodológicos para (re)escrever uma história da arte. Ginzburg chama a atenção para a problemática da transposição dos estudos alemães para o inglês, isto é, “o fato de ter de escrever numa língua diferente da sua” (p. 49) e para um público diferente. Tal problematização reside no fato, então, de uma cultura italiana (renascentista) transplantar textos e práticas de uma cultura grega (Antiguidade Clássica), ou seja, o problema da interpretação dos significados daquelas práticas, imagens e textos (em outro idioma), com interesse na ruptura, não apenas da arte, mas também com a mentalidade medieval (p. 50). Para encerrar e reforçar o alerta de Ginzburg, trago a voz do antropólogo contemporâneo John Miller Chernoff que saiu dos Estados Unidos para pesquisar a música africana e se deparou com a dificuldade de aplicar o vocabulário técnico da teoria musical erudita (acordes, harmonia, ritmo, cadência, etc.) para classificar ou categorizar as manifestações musicais em diferentes tribos negras. Resulta em sua conclusão de pesquisa é que “a mais importante defasagem que se dá em termos de experiência, não é o que ocorre entre aquilo que se vê e aquilo que é, mas entre a experiência do indivíduo e como ele vai comunicá-la” (CHERNOFF, 1979).

Pertencer a determinada cultura, escrever em idioma diferente do seu para um público de outra cultura se converte num problema decisivo e desafiador para quem pretenda ser objetivo na elaboração de uma história da arte e os significados nela contidos, ou melhor, interpretados.

Referências

CHERNOFF, John Miller. **African rhythm and African sensibility-aesthetics and social action in African Musical idioms**. Chicago. University of Chicago Press, 1979.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.